

VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

Fundamentos do Serviço Social: Formação Profissional do/a Assistente Social

A produção do conhecimento da área do Serviço Social e as elaborações críticas à aproximação da profissão com o pensamento pós-moderno

Lorena Ferreira Portes¹
Ana Beatriz Rodrigues Dattoli²
Beatriz Borba Massaneiro³
Isabelle Rodrigues Mira⁴
Lucelia Aparecida Moreira⁵

Resumo: Tendo por objetivo apresentar as problematizações de autores/as da área do Serviço Social sobre o pensamento pós-moderno, o trabalho apresentado é parte constitutiva de uma pesquisa bibliográfica mais ampla de um projeto de pesquisa. A partir de um recorte na produção do conhecimento, analisa o debate sobre as implicações do pensamento pós-moderno na profissão, destacando o teor anti totalidade e idealista presente na crítica pós-moderna que tem, como alvo central, os fundamentos marxianos. Aponta que as raízes anti modernas da profissão podem favorecer a aproximação, retomando a perspectiva conservadora em outros moldes, defendendo um ecletismo, disfarçado de pluralismo.

Palavras-chave: Serviço Social; Pensamento pós-moderno; marxismo; neoconservadorismo; pluralismo.

Abstract: Aiming to present the problematizations of authors in the field of Social Work regarding postmodern thought, this work is a constituent part of a broader bibliographic research project. Based on a selection from existing knowledge, it analyzes the debate on the implications of postmodern thought for the profession, highlighting the anti-totalitarian and idealist content present in postmodern criticism that targets Marxist foundations. It suggests that the anti-modern roots of the profession may favor an approach that revisits the conservative perspective in other forms, advocating an eclecticism disguised as pluralism.

Keywords: Social Work; Postmodern thought; Marxism; Neoconservatism; Pluralism.

¹ Professora Associada do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR); Doutora em Serviço Social e Política Social pela UEL, lorenafportes@gmail.com.

² Assistente Social, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina, dattoliana@gmail.com.

³ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina, beatrizborbamassaneiro@gmail.com

⁴ Graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina, isabellemira560@gmail.com.

⁵ Assistente Social, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina, luceliaapm82@gmail.com



INTRODUÇÃO

Ao percorrer os caminhos de uma pesquisa bibliográfica, pesquisadores/as de um Grupo de Pesquisa cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), vêm desenvolvendo uma trajetória de estudos e pesquisas no campo dos Fundamentos do Serviço Social. Com a intenção de problematizar a influência do pensamento pós-moderno⁶ no debate do Serviço Social brasileiro, os/as integrantes do grupo iniciaram uma jornada investigativa para identificar, na produção do conhecimento da área, autores e autoras que têm se preocupado em trazer a discussão sobre tal temática, sintetizando as exposições, argumentos, reflexões críticas e apontamentos que elucidam a problemática em questão e contribuam para reafirmar os fundamentos marxianos na interpretação da realidade de mais forma ampla e da profissão inserida nas relações sociais capitalistas. Com essa preocupação, o grupo visa contribuir e fortalecer, por um lado, com um conhecimento mais aprofundado das teses configurativas do pensamento pós-moderno e, de outro, evidenciar como se espraiam na produção do conhecimento da área, sobretudo, na formação profissional.

Desse modo, no conjunto de uma pesquisa bibliográfica mais ampla, selecionamos para a exposição, o caminho inicial da pesquisa que identificou uma produção clássica e de grande relevância que alavancou a problematização de produções posteriores que aprofundaram e alimentaram a discussão. Assim, foi possível identificar os/as autores/as que são recorrentemente utilizados para contextualizar e situar os aspectos críticos lançados ao pensamento pós-moderno. Os autores/as são José Paulo Netto, Josiane Soares Santos e José Fernando Siqueira. Tal identificação não se estende, neste primeiro momento, às fontes bibliográficas oriundas de teses e dissertações e de artigos publicados em periódicos da área, mas de bibliografia referência que estará presente nas produções posteriores de uma diversificada base de pesquisa.

Partindo do texto inaugural do debate da área de **José Paulo Netto** publicado na revista *Serviço Social & Social* nº 50, no ano de 1996, “Transformações societárias e Serviço Social – notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil”, identificamos o livro de **Josiane Soares Santos** fruto da sua dissertação de mestrado intitulado “Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro” (2007), que dá continuidade e amplia, em alguns aspectos, as análises feitas por Netto (1996). Outro do texto selecionado de **José Paulo Netto** é notório e foi apresentado como *Posfácio* na reedição realizada pela Editora Expressão Popular do livro de Carlos Nelson Coutinho, “Estruturalismo e miséria da razão”, em 2010, lembrando os quarenta anos da publicação da obra. Nesse movimento, acrescentamos as publicações de **José Fernando Siqueira da Silva** que tem se destacado no debate sobre o

⁶ Escolhemos o termo pensamento pós-moderno por entender que o mesmo é capaz de fazer referência tanto ao momento histórico de emergência da pós-modernidade (crítica e renúncia à modernidade), quanto ao movimento cultural que foi oriundo do pós-modernismo nas artes, arquitetura, pintura, música, literatura e outras áreas como respostas ao modernismo.



que denomina de “tendência teórico-prática” influenciada pela pós-modernidade (2016), “tendência teórica inspirada nas teses pós-modernas” (2018) e “tendência teórica de inspiração pós-moderna” (2022). O autor parte do texto de 1996 de Netto e atualiza as indagações e críticas feitas até então. Os três textos estudados de José Fernando Siqueira da Silva foram: “*Sociedade do capital, América Latina e Serviço Social: contribuição brasileira ao debate*”, como um dos capítulos do livro organizado pelo autor e por Teresa Del Pilar Muñoz Gutiérrez, em 2016 intitulado “*Política Social e Serviço Social: Brasil e Cuba em debate*”. O segundo texto produzido em parceria com Carina Moljo, denominado “*Cultura profissional e tendências teóricas atuais: O Serviço Social brasileiro em debate*” que compõe o livro organizado por Guerra, Lewgoy, Moljo, Serpa e Silva, publicado em 2018 e intitulado “*Serviço Social e seus Fundamentos: conhecimento e crítica*”; e o mais recente “*Serviço Social e tendências teóricas: o sentido da crítica*” que compõe o livro organizado pelo autor que tem como título “*Serviço Social, Fundamentos e Tendências Teóricas: contribuições ao debate latino-americano*”, publicado em 2022.

Partindo desse material bibliográfico, apresentamos as sínteses elaboradas considerando os seguintes aspectos: como os/as autores/as situam a pós-modernidade nos textos e quais os traços característicos evidenciados pelos mesmos? Ao abordar a implicação da pós-modernidade no campo do Serviço Social, quais os aspectos são evidenciados pelos/as autores/as? Quais as críticas apresentadas?

Apresentamos as elaborações dos/as autores/as a partir da ordem cronológica de publicação dos textos, buscando explicitar, ao final do trabalho, as sínteses analíticas, ainda aproximativas.

2. CRÍTICAS AO PENSAMENTO PÓS-MODERNO: contribuições da produção do conhecimento da área de Serviço Social

José Paulo Netto, em um texto clássico publicado na Revista Serviço Social & Sociedade, n. 50, em 1996, situa que na entrada da década de 1990 estava ocorrendo registro da emergência da crítica formal às correntes marxistas no campo profissional. Apresentou uma reflexão acerca das possibilidades de desenvolvimento do Serviço Social no Brasil, nos anos seguintes ao ano de produção de seu texto, considerando o momento histórico em que escrevia, o qual segundo o autor, marcava-se por transformações societárias, que “afetam diretamente o conjunto da vida social” e que se refletem sobre as profissões. Em relação à crítica apontava que não se apresentava como antimarxista, mas uma crítica à ortodoxia (entendida pelos críticos como dogmatismo) e uma crítica às lacunas (e não aos equívocos) existentes nos seus trabalhos. A crítica à considerada ortodoxia dirigia-se no sentido de “ampliar”, “flexibilizar” e “abrir” a perspectiva teórica, “incorporando autores que sejam do gosto crítico (Habermas para uns, Foucault para a maioria) e as tendências mais prestigiadas e mais *up to date* nos círculos acadêmicos e na indústria cultural (os pós-modernos)” (Netto, 1996, p.



114). Sobre o segundo elemento de crítica, constatando que a elaboração dos anos oitenta do século passado não dispensou debates de um amplo rol de objetos (questão de gênero, de cultura, de minorias etc.), delegou à inépcia imanente das correntes marxistas a falta de enfrentamento de tais objetos, portanto, das lacunas presentes.

Netto (1996) faz uma prospecção no campo teórico-analítico, apontando que nos próximos anos haveria um debate determinante sobre a profissão que teria como polêmica a seguinte questão: manter, consolidar e aprofundar a atual direção social estratégica ou contê-la, modificá-la e revertê-la” (Netto, 1996, p. 117). Nesse sentido, Netto apresenta cinco vertentes teórico-profissionais que estariam presentes no debate do Serviço Social brasileiro. Dentre elas, destacamos o que o autor chamou de vertente neoconservadora que estaria “inspirada fortemente na epistemologia pós-moderna, afinada com as tendências da moda das chamadas ciências sociais e tende seu gume crítico apontado para a revisão dos substratos das conquistas anticonservadoras dos anos oitenta” (Netto, 1996, p. 127).

O autor reforça que as profundas raízes antimodernas do conservadorismo no Serviço Social brasileiro tornaram-no habilitado a capitalizar e a integrar, na sua luta contra os avanços profissionais, muito das concepções e proposições pós-modernas. Desse modo, indica que a probabilidade da aliança do Serviço Social com segmentos conservadores é fortíssima. Essa aliança no plano ídeo-político se estende ao plano da cultura profissional e, especialmente, no âmbito teórico-analítico, destaca Netto. Continua argumentando em relação a essa aliança mencionando que “a recusa pós-moderna da metanarrativa, da macroteoria, da categoria da totalidade etc., vem ao encontro do conservadorismo profissional, que privilegia o microsocial”. Ao estender-se para o plano operativo, essas implicações são evidenciadas “no privilégio da “mudança cultural”, a centralização nas singularidades, a ênfase nas especificidades, a valorização do trabalho focalizado etc.” (Netto, 1996, p. 118).

Netto não apresenta, neste texto, aprofundamento teórico sobre a pós-modernidade, mas lança mão de alguns aspectos fundamentais de crítica ao programa da modernidade e a estreita relação com o conservadorismo. Esta foi a preocupação central do texto ao alertar para a herança conservadora da profissão e a favorável contaminação dos pressupostos pós-modernos na profissão. Por isso, reforça que “se a prospecção que faço é correta, a curto prazo o principal embate no terreno do Serviço Social terá um conteúdo nitidamente ídeo-político, mas embutido na polêmica teórico-epistemológica e operativa” (Netto, 1996, p. 119).

No texto de 2010, o objetivo de Netto foi o de recuperar a obra de Coutinho, considerando-a como relevante, ainda com limitações, para os que não capitulam em face da regressão ídeo-teórica que impera nos círculos intelectuais da sociedade tardo-burguesa e que se amplia nos meios acadêmicos. Reforça que a obra é necessária diante da maré da cultura regressiva, mas também insuficiente.

De acordo com Netto (2010), o pensamento pós-moderno emerge como sendo o ápice da decadência ideológica portada pelo estruturalismo. Tratando-se de uma das ideologias



específicas da ordem do capital, sendo funcional à sua manutenção. Em seu texto de 1996, Netto identifica a retórica pós-moderna como uma expressão das transformações societárias emergentes desde a década de 1970. Eagleton (1993), apontou como “tarefa criadora” dos pós-modernos a “própria funcionalidade ídeo-social da mercadoria e do capitalismo” (apud Netto, 1996, p. 98).

O autor refere-se à pós-modernidade como um movimento intelectual que “não constitui um campo teórico e ídeo-político homogêneo”. No campo ídeo-político, aponta a distinção entre “os pós-modernos de oposição, que se pretendem críticos da ordem do capital e os pós modernos de celebração”, os que expressamente não consideram a superação da sociedade burguesa como algo possível, a respeito desses, Netto cita Habermas, que “qualifica” esse grupo como neoconservadores. E no campo teórico, Netto aponta a existência de diferentes teorias pós-modernas.

Em seu texto de 2010, Netto lista três traços comuns no conjunto de teorias da pós-modernidade: 1) a “aceitação da imediatez com que se apresentam os fenômenos socioculturais” (Netto, 2010, p. 261), nesse caso, ignora-se a distinção entre aparência e essência e entre as modalidades de conhecimento; 2) a recusa da categoria de totalidade no plano filosófico, em que é negada a sua efetividade, e no plano teórico, em que recusa-se seu valor heurístico; 3) a semiologização da realidade social, em que se privilegia as dimensões simbólicas, reduzindo a realidade social ou “à pura discursividade [...] ou ao domínio do signo e/ou à instauração abusiva de hiper-realidades” (Netto, 2010, p. 262).

O autor cita outras características comuns às diferentes teorias pós-modernas: o ecletismo metodológico, um pluralismo, que segundo Netto, só é possível mediante a transgressão metodológica; o “relativismo”, referindo-se a dissolução da ideia clássica de verdade, convertendo a verdade que independe da consciência humana em resultante de um “consenso intersubjetivo”; e aponta, ainda, como o traço geral do pensamento pós-moderno a sua recusa à ontologia social.

Segundo o autor, o desconhecimento, ou mesmo a ignorância da economia política do capitalismo, é uma das características mais marcantes dessa ideologia. Com o pensamento pós-moderno “a desvinculação da análise da sociedade, da história e da cultura da análise econômica-política” que já caracterizava o pensamento burguês, “alcança o seu ponto extremo”.

Referente aos autores a que Netto faz referência em seus textos, tratando-se dos pós-modernos, destaque-se a sua referência à Jean-François Lyotard em seu texto *Transformações Societárias e Serviço Social* e à Boaventura Sousa Santos em ambos os textos. Quanto aos autores críticos do pensamento pós-moderno, destacam-se: Jürgen Habermas, Fredric Jameson, e Mike Featherstone, referenciados por Netto em seu texto de 1996; João Emanuel Evangelista referenciado em seu *Posfácio*; e Terry Eagleton em ambos os textos. Para além desses autores, que trataram diretamente do pensamento pós-moderno, Netto faz referência em seus dois textos à György Lukács.



Em termos cronológicos, partindo das elaborações de Netto, identificamos o livro de Josiane Soares Santos publicado em 2007, fruto de sua pesquisa de mestrado. Para explicar o que dá fundamento teórico à pós-modernidade, a autora retoma pressupostos que sustentaram a modernidade na defesa do desenvolvimento em direção à emancipação humana e à razão dialética, situando que o projeto da modernidade foi útil à burguesia “enquanto seus interesses ainda eram expressões universais” (Santos, 2007, p. 34) e que, ao se tornar classe dominante, de revolucionária passa a ser conservadora, tentando “apagar as contradições inerentes ao ideário moderno, cujo potencial dialético está prenhe de possibilidades, de movimentos e negatividade” (Santos, 2007, p. 34). Reforça que o não cumprimento das promessas da modernidade pela burguesia não deve ser apreendidas como uma crise do projeto moderno amparado pela Ilustração, mas uma crise da modernidade capitalista.

Santos (2007) problematiza a ofensiva neoconservadora representada no que chamou de teoria social da pós-modernidade, apontando os rebatimentos deste neoconservadorismo no Serviço Social. A autora discorre sobre esses rebatimentos mencionado que, no Serviço Social, “as influências da crítica pós-moderna ao ideário da modernidade tendem a ecoar fertilmente: sua profissionalidade foi saturada de elementos antimodernos que, do ponto de vista ideo-teórico, se expressam no conservadorismo”. Continua a argumentação afirmando que “esse componente é o fio condutor da aproximação pós-moderna, ordenada pelo sincretismo e sua habitual ausência de reservas críticas” (Santos, 2007, p. 69).

Santos constroi uma análise articulando autores que tanto ancoram a explicação do pensamento pós-moderno como também oferecem referenciais para sustentar uma crítica a essas formulações a partir da tradição marxista. Nesse percurso, é relevante citar: Ivo Tonet, que ocupa um lugar central, especialmente na crítica à fragmentação da realidade social e à recusa da totalidade, elementos que a autora identifica como traços constitutivos da teoria social da pós-modernidade; Jean-François Lyotard aparece como principal referência do campo pós-moderno; Jameson que é mobilizado para situar a pós-modernidade no interior das transformações do capitalismo contemporâneo, compreendendo-a como expressão cultural do capitalismo tardio.

A autora, ao aprofundar a análise dos rebatimentos da teoria social da pós-modernidade no Serviço Social, enfatiza que a forma como essas formulações foram recebidas internamente à profissão não pode ser vista de modo abstrato ou superficial. Santos (2007) explica que a aproximação do Serviço Social ao pensamento pós-moderno não ocorre apenas no plano teórico, mas é reforçada pelas próprias condições concretas do exercício profissional. As relações históricas do Serviço Social com a modernidade são marcadas por tensões e contradições, uma vez que a profissão não se constitui plenamente a partir dos fundamentos emancipatórios da modernidade, mas conserva traços antimodernos expressos pelo conservadorismo entranhado na profissão. É por isso que a autora argumenta que as críticas pós-modernas “tendem a ecoar fertilmente” no interior da profissão (Santos, 2007, p. 69).

A fim de explicar como se dá a aproximação do Serviço Social ao pensamento



pós-moderno, Santos (2007) aponta o sincretismo enquanto mediação central dessa interlocução. A autora esclarece que o sincretismo não deve ser entendido apenas como ecletismo teórico, mas como uma forma recorrente de apropriação de referenciais sem critérios críticos, o que reflete a incorporação de concepções que negam a totalidade e a historicidade e valorizam o fragmento. É importante destacar que a autora norteia a interlocução entre pós-modernidade e Serviço Social não como ruptura, mas como aprofundamento de tendências constitutivas da profissão. Santos (2007) chama atenção para o reforço que as requisições do mercado de trabalho exercem sobre o Serviço Social no que se refere à fragmentação. A autora explica que o atendimento acrítico a essas demandas tende a estimular uma busca por atualizações teórico-instrumentais restritas aos campos específicos de atuação profissional, tratados de forma isolada, que oferecem respostas imediatistas e desarticuladas, consolidando uma cultura profissional que valoriza preocupações microsociais e a chamada “microintervenção” (Santos, 2007, p. 70).

Outro elemento que, segundo Santos (2007), contribui para o fortalecimento da interlocução entre pós-modernidade e Serviço Social é o reforço do sincretismo por meio das “vulgarizações teóricas”. A autora explica que as próprias teorias pós-modernas se caracterizam por um acentuado ecletismo, o que facilita sua apropriação superficial e descontextualizada no interior da profissão. Esse tipo de apropriação resulta na simplificação de categorias teóricas complexas e na diluição dos referenciais originais, comprometendo a densidade analítica da produção teórica do Serviço Social. É nesse ponto que se situa a rejeição à teoria social de Marx, apreendida de forma simplificada, com ênfase em supostas insuficiências em relação às realidades contemporâneas e na invalidação das metanarrativas. Essa crítica, no Serviço Social, assume especificidades, pois o marxismo foi apreendido de forma fragmentada, no contexto já mencionado de conservadorismo e sincretismo profissional. Santos (2007) explica que essa superficialidade se revela na forma como categorias centrais do marxismo passam a ser tratadas no interior da profissão: a totalidade passa a ser criticada, entendida como totalitarismo; a universalidade é reduzida ao estruturalismo e à negação do sujeito. Para a autora, essa postura epistemológica realiza uma “verdadeira mutilação em seu acervo ontocategorial”, submetendo-o a operações de “reconstrução”, “complementação” ou “reinvenção”, típicas da racionalidade formal (Santos, 2007, p. 86).

Ao sistematizar as formas como o Serviço Social se aproxima do pensamento pós-moderno, Santos (2007) identifica duas tendências principais. A primeira trata das críticas de origem conservadora que rejeitam explicitamente o marxismo e se atualizam por meio da incorporação de proposições pós-modernas em uma “moldura sincrética”. A segunda diz respeito às críticas que, embora ainda reivindicuem o marxismo em alguns de seus aspectos, defendem a superação de suas supostas “lacunas” por meio da incorporação dos paradigmas pós-modernos, o que, segundo a autora, resulta igualmente na diluição de seus fundamentos críticos (Santos, 2007, p. 87). A autora aponta que esse conjunto de inflexões teóricas se articula à consolidação de uma concepção endógena de Serviço Social, ou seja, uma forma de



compreender a profissão centrada em seus próprios procedimentos, metodologias e relações imediatas, desvinculando das determinações históricas e estruturais da sociabilidade capitalista. Sob essa ótica, o Serviço Social passa a ser pensado a partir de si mesmo, enfatizando a metodologia e a autodeterminação dos sujeitos, em detrimento da análise da questão social como expressão das contradições do capital. Para a autora, essa concepção é fortemente marcada pelo epistemologismo pós-moderno, uma vez que questiona a totalidade social e amplia o debate sobre representações sociais, reforçando leituras relativistas e fragmentadas da realidade.

Dando continuidade à exposição dos pressupostos centrais dos textos estudados, apresentamos as sínteses da leitura dos textos de José Fernando Siqueira da Silva. Após duas décadas da publicação do texto de Netto, José Fernando Siqueira apresenta um texto, em 2016, presente no livro que organizou com Teresa Gutiérrez, como expressão de quatro anos de intercâmbio e troca de experiências entre docentes pesquisadores e seus respectivos países, também por meio de bolsas de doutorado e pós-doutorado fornecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), envolvendo Brasil e Cuba. No seu texto de 2016, intitulado “Sociedade do capital, América Latina e Serviço Social: contribuição brasileira ao debate”, o autor retoma as discussões feita por Netto em 1996 e apresenta o que denominou de tendências teórico-práticas em curso, sem a intenção de “enquadrar grupos ou individualidades e estabelecer matrizes teóricas exatas, homogêneas ou “tipos ideais” inexistentes, como se, entre elas, não houvesse intersecções efetivas” (Silva, 2016, p. 165).

A pós-modernidade foi mencionada pela primeira vez por José Fernando Siqueira da Silva em 2016, ocasião em que o autor iniciou uma discussão acerca das tendências teórico-práticas da profissão, contextualizando os fundamentos do Serviço Social brasileiro e a sua inserção na sociedade do capital. A partir de perspectivas gerais, o texto possui o objetivo de explicitar e discutir as principais tendências teórico-práticas que permeiam a profissão. Ao longo do texto, o autor destaca e debate mais profundamente sobre três tendências teórico-práticas dentre as cinco principais tendências presentes na profissão apontadas inicialmente por Netto (1996).

Dentre as principais tendências elencadas e debatidas pelo autor, se destaca aquela em que o mesmo percebe “o desenvolvimento e o adensamento de uma vertente neoconservadora, reprodutora de uma epistemologia claramente pós-moderna” (Silva, 2016, p.165). Assim, o autor faz um resgate histórico de como o conservadorismo se fez presente na profissão desde a sua gênese e reforça que na atualidade o Serviço Social brasileiro ainda possui uma ligação direta com o conservadorismo, agora travestido de um novo conservadorismo. Assim, revela-se que embora a profissão tenha passado por avanços e tentativas de distanciamento do conservadorismo tradicional, este pensamento perdurou e ainda encontra-se intimamente ligado ao Serviço Social brasileiro.



No início do texto o autor situa a pós-modernidade como um movimento “heterogêneo e eclético” que possui uma “relação direta” com o “projeto neoconservador” que atinge a categoria profissional (Silva, 2016, p.149). Aponta, portanto, que a pós-modernidade possui inspirações de diversas fontes teóricas, utilizadas para explicar e intervir na realidade social, ultrapassando o pluralismo teórico. Para exemplificar a heterogeneidade das teorias que podem embasar as aspirações pós-modernas, foram destacados como referência para os pós-modernos os autores Jean-François Lyotard e Michel Foucault. No entanto, são apontados diversos autores de temas variados como: Beck, 1998; Derrida, 1991; Maffesoli, 2003; 2007; Souza Santos, 1992; Baudrillard, 2008; Capra, 2002; Bertalanffy, 1980; Morin, 2015; Bourdieu, 1992, dentre outros.

Como marco histórico, Silva (2016) infere que a pós-modernidade surgiu a partir da década de 1970 em um momento de contestação das teorias sociais em que se propunha a “superação” das “metanarrativas” e das lutas classistas, esvaziando assim, “as oposições e conflitos nos campos político, filosófico, social e cultural-artístico” (Silva, 2016, p. 168). Assim, a vinculação do Serviço Social ao pensamento pós-moderno se expressa a partir de “um certo logicismo claramente anti-ontológico, negador da modernidade”. O autor aponta que com isso o profissional de Serviço Social vinculado às aspirações pós-modernas tendem a

valorizar a teoria, o estudo e a pesquisa a partir de parâmetros que reeditam certa ciência abstrata, localista, pontual, anticlassista, sem qualquer abordagem da totalidade, estimuladora de certo tipo de crítica resignada à sociedade capitalista, estimuladora de organizações e lutas pontuais que tendem a negar “o lado mal” do capitalismo e afirmar seu “lado bom” (Silva, 2016, p.168-169).

Assim, as preocupações dos profissionais do Serviço Social que pactuam com as vertentes pós-modernas estão nas lutas identitárias, segmentadas e fragmentadas, segundo o autor, privilegiando-se assim as ações que visam a redução de desigualdades e não a sua superação, despidas portanto, de crítica à economia política e ao modo de produção capitalista vigente.

Em texto mais recente, Silva, juntamente com Moljo (2018) ao exporem sobre a cultura profissional, recolocam as análises sobre tendências teóricas no tempo atual. Explicam que tendências teóricas expressam posições teóricas que são sustentadas em determinadas matrizes do conhecimento; no entanto, advertem que as tendências com inspiração pós-moderna, utilizando-se do vocabulário de crise de paradigmas, não reivindicam uma determinada matriz, mas a crítica às metanarrativas contidas nas narrativas da modernidade. Pontuam que uma posição teórica está em articulação com posicionamento político.

Os textos de 2016 e 2018, inserem-se em momentos historicamente próximos, porém qualitativamente distintos, do debate teórico-político do Serviço Social brasileiro. Os de 2016 e 2018 são elaborados em um contexto anterior à ascensão do governo de extrema-direita no Brasil e à eclosão da pandemia de covid-19, mas já marcado pelo aprofundamento da crise estrutural do capital, pela consolidação do neoliberalismo e por sinais evidentes de recrudescimento do conservadorismo, que tensionam a cultura profissional e colocavam à



prova a direção estratégica crítica construída desde a década de 1990. Trata-se, portanto, de um momento em que a ofensiva conservadora ainda se encontrava em processo de intensificação, sem que suas expressões mais agudas tivessem se materializado plenamente.

Com o texto de 2018, Silva e Moljo buscam debater os traços essenciais da construção do conhecimento no Serviço Social brasileiro a partir da noção de cultura profissional, entendida como elemento constitutivo dos fundamentos da profissão e diretamente vinculada às matrizes teóricas que orientam projetos societários em disputa. Pretendem demonstrar como as tendências teóricas conformam modos de interpretar e intervir na realidade, expressando direções sociais antagônicas no interior da profissão. Já o texto de 2022 aprofunda essa problemática ao concentrar-se explicitamente na análise das tendências teóricas contemporâneas e no sentido da crítica que as atravessa, examinando seus fundamentos ontológicos, epistemológicos e políticos. Nesse segundo momento, o objetivo desloca-se da ênfase na cultura profissional para uma análise mais sistemática das orientações teóricas e de seus efeitos sobre a materialidade do trabalho profissional, da formação profissional e da produção do conhecimento.

Ademais, o 2022 é produzido em um cenário profundamente distinto, atravessado pela experiência concreta da pandemia de covid-19 e pela condução do Estado brasileiro por um governo de extrema-direita, marcado pelo negacionismo científico, com falas orientadas para a descredibilização do conhecimento científico, pela intensificação do discurso de ódio contra minorias e pela radicalização das políticas neoliberais. Nesse contexto, aprofundam-se a precarização das condições de vida e de trabalho, o desmonte de direitos sociais e a ofensiva ideológica contra projetos democráticos e emancipatórios, impondo novos e mais dramáticos desafios à crítica social e à sustentação do projeto ético-político do Serviço Social.

Os três textos abordam o pensamento pós-moderno de forma crítica e articulada ao contexto histórico de sua emergência. No de 2016, denominando como tendências teórico-práticas, José Fernando Siqueira da Silva destaca a pós-modernidade como uma reedição de leituras neoconservadoras no interior do Serviço Social. No de 2018, trata das teses pós-modernas como uma das grandes tendências teóricas em disputa no Serviço Social contemporâneo, vinculando sua emergência às condições históricas da ordem tardia do capital. O autor destaca seu caráter heterogêneo, mas identifica um eixo comum: a crítica indiscriminada à modernidade, especialmente à tradição marxista, acompanhada da negação da totalidade, da razão, da verdade, da historicidade e da possibilidade de ação consciente do sujeito coletivo. São enfatizados traços como o culto ao presente, a fragmentação da realidade, a centralidade dos discursos e das linguagens individuais, a ênfase no particular e na subjetividade e a defesa do ecletismo teórico sob o rótulo do pluralismo.

No texto de 2022, essa crítica é aprofundada e conceitualmente densificada. O autor passa a empregar com maior sistematicidade a denominação de “tendências teóricas” para explicar os fundamentos que explicam a realidade. Nesse sentido, afirma que as tendências teóricas não são neutras, pois inclinam-se a certos fins que tendem a justificar determinadas



posições sociais. Enfatiza que essas tendências teóricas, estão atravessadas por ideais que “expressam visões de mundos que não se separam das classes sociais e de suas frações objetivamente postas, seus interesses objetivos em dado contexto sócio-histórico” (Silva, 2022, p. 61). Por serem estruturalmente políticas, as tendências são contaminadas pela vida real objetivamente posta com o auxílio do pensamento, no processo de produção e reprodução material do ser social sob dadas condições históricas. Por isso, as tendências teóricas fazem parte dos fundamentos do Serviço Social, expressando culturas profissionais diversas. Partindo dessa explicação é que o autor situa a pós-modernidade como uma tendência teórica inscrita no interior de um campo mais amplo de disputas no âmbito da modernidade. Reforça que os discursos pós-modernos tem como foco central de sua abordagem o ecletismo teórico, usando e manejando, sem limites e fronteiras teóricas e políticas bem definidas, tradições diversas e até antagônicas.

A pós-modernidade é compreendida como uma crítica imanente à modernidade que, ao negar as “metanarrativas” (colocando-as como um bloco quase homogêneo, sem grandes distinções, afinal, todas caberiam na qualidade de totalitária), desemboca na destruição da razão dialética e ontológica, aproximando-se do irracionalismo. O autor explicita categorias como “decadência ideológica” e “miséria da razão”, recuperando Lukács para demonstrar como tanto o formalismo estruturalista quanto o irracionalismo pós-moderno inviabilizam uma ciência ontológica capaz de apreender a lógica do real. Além disso, o texto de 2022 introduz de forma mais explícita o debate sobre pluralismo, sincretismo e ecletismo, demarcando os limites entre uma concepção democrática de pluralismo e a justaposição acrítica de matrizes antagônicas típicas das abordagens pós-modernas.

Quanto aos autores de referência, há uma clara continuidade nos textos estudados, pois José Fernando Siqueira da Silva dialoga de maneira central com José Paulo Netto, Ivete Simionatto e Maria Lucia Barroco, que fundamentam a crítica do Serviço Social brasileiro às apropriações pós-modernas. No campo do pensamento social mais amplo, destacam-se autores críticos da pós-modernidade, como Carlos Nelson Coutinho, Ernest Mandel e David Harvey, para a compreensão das transformações do capitalismo contemporâneo. Entre os autores identificados com o pensamento pós-moderno, Jean-François Lyotard é referência recorrente nos textos, utilizado como interlocutor para a explicitação das teses pós-modernas.

No que diz respeito à relação entre Serviço Social e pensamento pós-moderno, os três textos convergem ao afirmar que essa interlocução se dá de forma tensionada, contraditória e, em grande medida, problemática para a sustentação do projeto ético-político profissional. O autor enfatiza que, embora algumas apropriações pós-modernas se apresentem como críticas, elas tendem a fragilizar o legado teórico-metodológico construído a partir da tradição marxista, ao deslocar a análise das determinações estruturais do capitalismo e ao dissolver a perspectiva de totalidade e de transformação social. A pós-modernidade aparece, assim, associada ao fortalecimento do neoconservadorismo e à reedição de práticas fragmentadas, focalizadas e individualizantes no exercício profissional.



Essa análise é aprofundada ao se demonstrar que a tendência pós-moderna no Serviço Social possui um vínculo estrutural com a ordem tardia da acumulação capitalista, expressando-se tanto em formas resignadas quanto em críticas parciais e fragmentadas da realidade. O autor distingue, nesse campo, uma fração mais conservadora, que desemboca no niilismo e no culto ao presente, e um campo pós-moderno mais crítico, no qual se situam pautas antirracistas, feministas, ambientais e anticoloniais. Contudo, o autor é enfático ao afirmar que tais lutas não são exclusividade da pós-modernidade, sendo histórica e teoricamente constitutivas das orientações marxistas-classistas.

3. Resultados e conclusões

A intenção do texto apresentado esteve direcionada em apontar, na produção do conhecimento da área do Serviço Social brasileiro, autores/as que destinaram seus estudos em analisar a influência do pensamento pós-moderno nos debates da profissão. Encontram-se no campo da crítica marxiana, tais produções constituem-se como referência do debate do temário, servindo de subsídios teórico-políticos para produções subsequentes. Não pretendemos apresentar uma análise exaustiva de tais produções selecionadas, mas registrar pontos analíticos aproximativos nos textos destacados.

Assim, foi possível identificar alguns pontos-síntese que atravessam a produção crítica do Serviço Social brasileiro em relação ao pensamento pós-moderno.

Em primeiro lugar, a pós-modernidade (entendida pelos autores como ideologia, cultura, epistemologia, vertente ou tendência teórica) é situada como uma resposta crítica à modernidade que recai sobre as metarranativas e sobre a totalidade social. Conforme disposto por Netto (1996; 2010), se trata de uma crítica que privilegia a fragmentação do real, o relativismo e o subjetivismo e desloca a análise das determinações estruturais dentro dos preceitos capitalistas. Os autores convergem ao reconhecer que o alvo central da crítica pós-moderna é a teoria social crítica de Marx, em especial a dimensão ontológica e totalizante dessa perspectiva.

Em segundo lugar, os textos analisados situam a pós-modernidade como uma expressão do conservadorismo atualizado, ou neoconservadorismo. Ao negar a possibilidade de apreensão da totalidade social e de superação da ordem capitalista, essas formulações reforçam uma leitura conformista da realidade, tendo o capitalismo enquanto realidade insuperável. Assim, suas ações estão voltadas para diminuir os impactos da desigualdade e não suprimi-la, uma vez que isso somente seria possível com a supressão do modo de produção capitalista e das classes sociais constitutivas.

Outro ponto importante é a forma como a crítica pós-moderna se apresenta no interior da profissão, como suposta atualização ou complementação do marxismo. Santos (2007) e Silva (2016) indicam que essa perspectiva assume tanto a rejeição aberta aos fundamentos marxianos quanto tentativas de suprir as lacunas de pontos não centrais na teoria social crítica, tais como gênero, questões étnico-raciais e subjetividades, o que resultaria na diluição



de seus fundamentos ontológicos e na descaracterização de sua potência crítica.

Quanto à aproximação do Serviço Social com o pensamento pós-moderno, os autores dispõem que a profissão apresenta um terreno historicamente propício a essa interlocução, em razão da trajetória marcada pelas raízes conservadoras e anti modernas. Netto (1996) e Santos (2007) demonstram que esse histórico favorece a incorporação das leituras fragmentadas e microssociais especialmente quando articuladas às requisições do mercado de trabalho e às formas contemporâneas de gestão da pobreza.

Os autores convergem ainda ao apontar a crítica ao pluralismo teórico que é reivindicado pelas abordagens pós-modernas. Para os autores aqui tratados, esse pluralismo não se configura tal qual uma expressão de abertura teórica com rigor, mas um falso pluralismo, marcado pelo ecletismo e pela justaposição de referências inconciliáveis. A pós-modernidade expõe seu ecletismo teórico, articulando fontes teóricas que convivem pacificamente com teorias positivistas, que remete fortemente à reprodução, manutenção e continuidade do conservadorismo na profissão em suas mais diversas faces. O falso pluralismo advogado pelos pós-modernos tem repercussões no campo profissional, pois em nome da direção social que sustenta o projeto profissional, explicitam-se diferentes tendências teórico-políticas que buscam uma “harmoniosa” convivência.

Por fim, os textos analisados evidenciam também que a difusão das teses pós modernas impacta diretamente a produção do conhecimento, a formação profissional e o trabalho do assistente social, se manifestando de diferentes formas; na produção teórica por meio do ecletismo e do relativismo; na formação, pela valorização de metodologias desvinculadas da crítica social; e, no trabalho, pela centralidade de práticas focalizadas, imediatistas e despolitizadas. Em síntese, os autores convergem ao afirmar que tais questões fragilizam a direção crítica do projeto ético-político do Serviço Social.

REFERÊNCIAS

- NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social – notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**, Ano XVII, nº 50, abril de 1996.
- NETTO, José Paulo. Posfácio de O estruturalismo e a miséria da razão. In: COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. 2ª ed., São Paulo : Expressão Popular, 2010.
- SANTOS, Josiane Soares. **Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro**. São Paulo. Cortez, 2007.
- SILVA, José Fernando Siqueira da. **Sociedade do capital, América Latina e Serviço Social: contribuição brasileira ao debate**. In: POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: Brasil e Cuba em debate/ José Fernando Siqueira da Silva, Teresa Del Pilar Muñoz Gutiérrez, (orgs.). - São Paulo: Veras Editora, 2016. - (coleção coletâneas)
- SILVA, José Fernando Siqueira da (org.). **Serviço Social, Fundamentos e Tendências Teóricas**: contribuições ao debate latino-americano. São Paulo: Cortez, 2022.



SILVA, José Fernando Siqueira da; MOLJO, Carina Berta. Cultura profissional e tendências teóricas atuais: o Serviço Social brasileiro em debate. In: GUERRA, Yolanda; LEWGOY, Alzira; MOLJO, Carina Berta; SERPA, Maria do Socorro; SILVA, José Fernando Siqueira da (orgs.). **Serviço social e seus fundamentos: conhecimento e crítica**. Campinas: Papel Social, 2018. p. 116–148.